

SARAH [SURKA] LEWIN¹

(Bolesławiec, Polônia, 1926)



Sarah [Surka] Lewin. Tel Aviv, 25.10.1956.

Foto da ficha consular de qualificação.

Acervo: Arquivo Nacional /RJ; Arqshoah/Leer-USP.

¹ Entrevista concedida por Sarah Lewin a Rachel Mizrahi, coordenadora da equipe de História Oral Arqshoah. S. Paulo, 9 de agosto de 2017. Apoio técnico e transcrição: Esther Neistein. Câmera: Gabrielle Jezernicky. Transcrição: Maria Luiza Tucci Carneiro. Pesquisa: Blima Lorber e Maria Luiza Tucci Carneiro. Iconografia: Rebeca Moura.



Seraing, vista da ponte sobre o Rio Mosa, 1902. Cartão-postal editado por Lemaire-Lenoir. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/e/e8/Seraing_Pont_1902.jpg/1024px-Seraing_Pont_1902.jpg>. Acesso em: 6 out. 2018.

Administration Communale
de
SERAING



RÉFÉRENCE À RAPPELER

ETRANGERS

N° 13.178

Annexe: -----

Objet: -----

SERAING, le 4 janvier 1962.

A T T E S T A T I O N ,

Je soussigné, Bourgmestre de la commune de Seraing, certifie que la nommée BERGMAN, Bajla, Jachet, veuve de ICEK, Idel, née le 15 mars 1897, à Boleslawice, Pologne de nationalité polonaise, a été inscrite en nos registres, comme ayant résidé rue des Pierres, n° 94/2, du 1er avril 1933 au 15 février 1944.

Le Bourgmestre ffons,

J. Delloye

Délivré sur papier libéré,
pour servir en matière de
"DOMMAGES DE GUERRE"



Atestado de residência emitido pela Administração Municipal de Seraing, conforme registrado em 17 de setembro de 1930. Seraing, 4 de fevereiro de 1962.

Acervo: S. Lewin/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Cheguei à Bélgica com os meus pais que não conheciam nada daquele lugar: não sabiam francês, falavam apenas polonês e iídiche. Em Seraing, na província de Liège, havia muitas fábricas metalúrgicas e de munições, onde meu pai foi trabalhar como operário. Minha mãe costurava um pouco para ajudar a sobreviver. Em casa nós falávamos iídiche, como os judeus, não sei se vocês sabem. Aprendi um pouco do iídiche por escutar, eu não falo quase nada, mas entendo.

Meus pais e eu fomos morar em uma casa alugada, um sobrado geminado muito grande, na Rue des Pierres nº 94/2, em Seraing. Entrava-se pela sala, onde havia a escada para os quartos. Da janela da sala podiam-se ver as outras casas. Lembro-me bem da minha vida de criança! Uma vez, nunca me esqueci, eu estava na sala com o meu pai quando minha mãe entrou trazendo uma panela de sopa que caiu sobre mim. Fiquei seis meses de cama, aos cuidados de uma enfermeira que vinha trocar os curativos. E eu, por ser filha única, era muito mimada pelos meus pais. O meu primo Henry Bergman, filho do meu tio estilista, costumava ficar conosco. Como seus pais haviam aberto uma loja e precisavam trabalhar muito, ele praticamente foi criado na minha casa. Éramos bastante próximos. Às vezes, eu o levava para a escola comigo. Além disso, minha mãe e ele tinham um carinho muito grande um pelo outro. Ele e sua família mudaram-se para Suíça onde passaram a guerra e no final voltaram para a Bélgica onde se formou farmacêutico.

Fui estudar em uma escola pública, do governo, onde comecei a aprender francês. Nessa escola, meus pais não pagavam nada. Por ser judia, eu não participava das aulas de religião: saía da sala e ficava esperando do lado de fora para retornar. Frequentava a sinagoga com meus pais somente nos feriados judaicos importantes, como a Páscoa (*Pessach**), Ano-Novo (*Rosh Hashaná**) e Dia do Perdão (*Yom Kipur**). Apesar de não sermos ortodoxos, a minha mãe era muito religiosa; ela acendia velas toda sexta-feira. No *Yom Kipur*, ela fazia jejum o dia todo, e eu brigava com ela para que o jejum fosse até o meio-dia.

Nessa época, eu tinha 6 anos e vivia na casa da vizinha cuja filha estudava piano. Eu não saía de lá por causa do piano. Lembro-me de ficar batendo com os dedos em cima do piano, e ela ficava brava comigo. Eu ficava encantada com aquele som. Um dia, essa vizinha me levou até a casa da professora Jeanne onde a filha estudava e disse: “Esta menina gosta de piano porque não desgruda do meu piano...”. A professora falou: “Vou falar com os pais...”

Quem sabe eles a colocam para estudar!”. Foi quando a vizinha falou com meus pais que concordaram, apesar de não terem muitas possibilidades para pagar as aulas. Mesmo assim, com 6 anos comecei a estudar com essa professora particular, a professora Jeanne.

Certo dia, a professora Jeanne disse: “Você está adiantada...!”. Além disso, surgiu outro problema: o piano. No começo, a professora me deixava estudar na casa dela, uma meia hora ou mais, no entanto era difícil, pois ela dava aulas para outros alunos, e o piano sempre estava ocupado, então estudava na mesa de casa. Foi quando ela explicou aos meus pais que eles precisavam comprar um piano para a menina que estava indo bem, bastante adiantada. Um piano custava caro. Meus pais, com muito sacrifício, acabaram comprando um piano, e eu continuei estudando até os 11 anos com essa professora, cujo nome era Jeanne.

Eu estava com 11 anos quando ela sugeriu que eu entrasse para estudar em um conservatório. Na Bélgica, as escolas não eram como aqui no Brasil, particulares, e sim do Estado, como a Universidade de S. Paulo que, para entrar, você precisa prestar exame de



Conservatoire Royal de Musique de Liège desde 1830, originalmente fundado como École Royale de Musique et de Chant em 1826. Edifício público construído em 1887 no Boulevard Piercot. Cartão-postal, Liège, s.d. Disponível em: <<https://www.geneanet.org/cartes-postales/view/327422#0>>. Acesso em: 8 ago. 2018.

seleção de alunos. Consegui! Aos 11 anos, entrei para o Conservatoire Royal de Musique de Liège cujo horário era bastante rigoroso. Minha rotina era bastante puxada, acordava às 7 horas para ir à escola que ficava perto de casa. A aula começava às 8 horas e terminava ao meio-dia. Voltava para almoçar em casa e, depois de uma hora, retornava para a escola onde estudava até as 16 horas.

Duas vezes por semana, eu ia ao conservatório após as 16 horas. Saía da escola, corria para casa para poder trocar de mala e, como a minha mãe não podia me acompanhar porque trabalhava, pegava o bonde para chegar ao conservatório em Liège, sozinha! As aulas de música no conservatório iam das 17 às 20 horas. Sei que foi difícil: duas vezes por semana, chegava em casa às 20 horas, sozinha, após as minhas aulas no conservatório. Lá tínhamos aulas de teoria sofisticada, leitura de compassos e notas. Às vezes, a esposa de um amigo da família, um alfaiate, ia me buscar no conservatório. Acabava dormindo na casa deles e, no dia seguinte, saía correndo para não perder a hora da escola. Não sabia o que era brincar.

Aos 12 anos, participava também de um grupo de escoteiros judaico. Acampava com organização judaica da região onde costumava andar no meio da floresta com uma bicicleta emprestada. Ficava 15 dias no acampamento, onde os alojamentos eram separados por sexo, e as meninas ficavam responsáveis pela ajuda na cozinha.

Dedicava-me mais ao piano que aos estudos na escola, ao escotismo... Não era nada fácil, sou sincera...! Como precisava tirar notas boas, a professora de desenho fazia o desenho para mim. Todo final do ano, vinha professor de outros estados para preparar um repertório com o objetivo de avaliar os alunos do conservatório. Nós apresentávamos, e, se tudo ocorresse bem, você continuava estudando, senão caía fora...! Eu gostava muito...! A minha professora falava que eu ia ser concertista. Infelizmente não consegui me formar, pois veio a guerra. Minha chance de seguir uma carreira musical acabou naquele instante, com a ocupação da Bélgica pelos nazistas.

Meu sonho foi interrompido!

Rota de fuga

A guerra na Bélgica começou no dia 10 de maio, eu me lembro, de 1940.^A Nessa época, eu tinha 14 anos. Já escutávamos falar que os alemães estavam invadindo muitos lugares, avançando. Tínhamos medo que a Alemanha invadisse a Bélgica também. Estava dormindo e, de repente, acordei no meio da noite com as luzes da casa acesas. Sonolenta, pensei que já estava na hora de ir para escola, pois eu ainda estava estudando. Lembro-me de que minha mãe chegou e falou: “Levanta que a gente tem que fugir! Os alemães estão entrando na Bélgica!”.



Ocupação da Bélgica pela Alemanha: soldados belgas guardados por alemães na sequência da queda de Fort Eben-Emael, em 11 de maio de 1940. Fotografia não identificado. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_da_Bélgica#/media/File:Infanterie-Regiment_489_Westfeldzug_Gefangene_Fort_Eben-Emael_1940-2_by-RaBoe.jpg>. Acesso em: 2 ago. 2018.

Minha mãe preparou uma malinha para cada um de nós e disse: “Vamos fugir, pois a gente não sabe o que vai acontecer!”. Fechamos a porta e fomos até a estação de trem onde já havia muita gente. Todo mundo querendo fugir, judeus e não

A-Trata-se de uma operação estratégica da Alemanha que durou 18 dias e culminou com a ocupação da Bélgica e a rendição do Exército belga. Em 10 de maio de 1940, a Alemanha invadiu Luxemburgo, os Países Baixos e a Bélgica, colocando em execução o *Fall Gelb* (Plano Amarelo). As forças aliadas tentaram impedir o avanço das tropas alemãs, mas não conseguiram. Após fortes combates, o Exército belga rendeu-se no dia 28 de maio de 1940, forçando a retirada dos Aliados do continente europeu. A Marinha Real Britânica retirou-se dos portos belgas durante a Operação Dínamo, permitindo ao Exército britânico escapar e continuar as operações militares. A França chegou a um acordo de trégua com a Alemanha em junho de 1940. A Bélgica foi ocupada pelos alemães até o outono de 1944, quando foi libertada pelos Aliados.

judeus. Todos tinham medo do que ia acontecer. Só sei que, para conseguir dali, entramos num trem de carregamento fechado, onde ficava um passageiro em cima do outro. Quando o trem chegou à França, nós fomos até Marselha no sul da França, na parte não ocupada, onde havia um campo de refugiados. Vimos passar muita gente, sem possibilidades de dar muitas coisas para nos ajudar. Muita gente passando fome, frio... foi muito difícil!



Soldados aliados cruzam com refugiados franceses em fuga, maio de 1940. Disponível em: <https://hojenasegundaguerramundial.files.wordpress.com/2015/05/the_british_army_in_france_and_belgium_1940_f4410.jpg>. Acesso: 6 ago. 2018.

Lembro-me de olhar as montanhas com os picos repletos de neve, os Pirineus, que fazem divisa com a Espanha. Ficamos nesse campo de refugiados durante nove meses. Estava com 14 anos quando fiquei doente e muito fraca. Já era uma menina muito magra, não gostava de comer e, durante guerra, como não tínhamos o que comer, fiquei ainda mais fraca. Meus pais ficaram preocupados! Estávamos sempre escutando as notícias sobre a Bélgica na guerra. Soubemos que a vida lá havia se normalizado e que eles [os alemães] não estavam molestando os judeus: deixavam as pessoas trabalhar normalmente. Então, meu pai falou: “Vamos voltar para lá, para casa!”. Mas, para poder voltarmos para casa, precisávamos atravessar a fronteira da França para a Bélgica onde estavam os soldados alemães que, certamente, não nos deixariam passar. Para atravessarmos, meu pai pagou a um “coiote” que conhecia o caminho desde a França até a Bélgica. Mas, logo na primeira

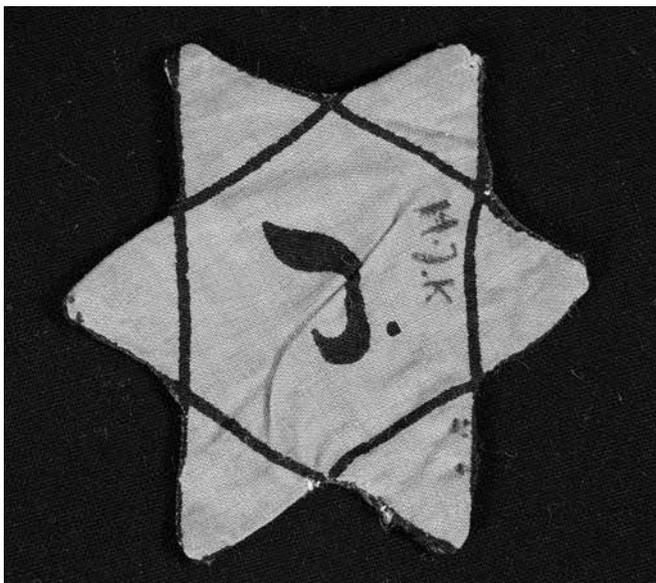
vez, os soldados alemães nos pegaram e nos levaram para um quartel onde passamos a noite. No dia seguinte nos enviaram novamente para o campo de refugiados, na zona livre da França: “Voltem para lá porque daqui vocês não passam!”, disseram.

Voltamos, mas meu pai não desistiu: pagou novamente a uma pessoa e, dessa vez, conseguimos retornar para Seraing, na Bélgica! Eram quase 23 horas quando chegamos em casa que, durante a nossa ausência, foi preservada pelos vizinhos que lá ficaram. Até mesmo o nosso gato foi cuidado. A primeira coisa que fiz foi deitar na minha cama. Depois tomei um banho, comi alguma coisa e dormi. Estava muito cansada.

Bélgica proibida aos judeus

Com o tempo, a vida da família voltou ao normal. Parecia que tudo estava ótimo! Retomei as minhas aulas na escola, meu pai Idel voltou a trabalhar na fábrica e minha mãe continuou a costurar para o irmão. Contudo, era uma questão de tempo até que a nossa tranquilidade acabasse. Precisei usar a estrela de David costurada na roupa, como os demais judeus. Tentei voltar a estudar no conservatório, pois queria continuar a tocar piano. Lá tanto o diretor como os professores que me conheciam falaram: “Aqui dentro você pode tirar a estrela, nós não queremos te ver com isso!”. Continuei assim durante um tempo, mas depois avisaram que o conservatório estava proibido para os judeus. Não era seguro, com o perigo de ser pega na rua. Não poderíamos mais frequentar os estabelecimentos, não poderíamos mais nada...!^A

A-Entre 23 de outubro de 1940 e 21 de setembro de 1942, a Administração Militar Alemã na Bélgica publicou 17 decretos antijudaicos, dando início ao processo de arianização do país e do povo belga. Leis semelhantes às de Nuremberg (1935) proibiam os judeus de exercer certas profissões (incluindo as de serviço público), além de obrigá-los a se registrar nas freguesias onde residiam. Nessa mesma data, a administração alemã anunciou uma definição de quem era considerado judeu. As lojas e os negócios judaicos tinham de ser marcados com um sinal nas janelas, e os bens detidos pelos judeus deveriam ser registrados. Em junho de 1940, já havia sido elaborada uma lista dos negócios judaicos em Liège, província onde residia a família de Sarah Lewin, proveniente da Polônia. Em 1940, o governo alemão começou a fechar os negócios dos judeus. Alguns foram transferidos para proprietários alemães, num processo de arianização. Fecharam-se cerca de 6.300 lojas e negócios judaicos antes de 1942, e 600 foram “arianizados”. A partir de novembro de 1941, a Association des Juifs na Bélgica, criada pelos alemães, ficou encarregada de gerir a população judaica e registrar os judeus do país. No total foram registrados 43 mil judeus.

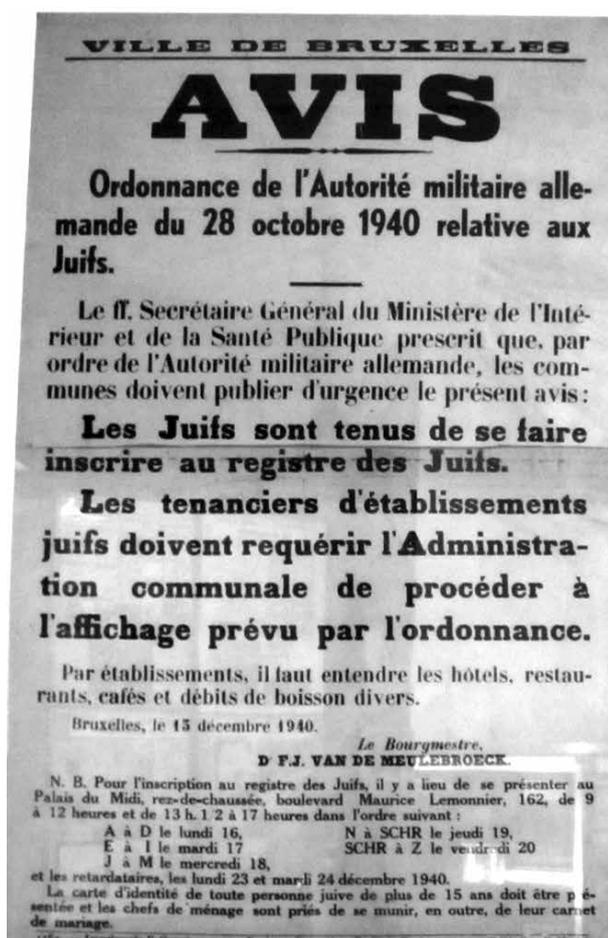


A versão belga da estrela amarela, cujo uso tornou-se obrigatório a partir de 27 de maio de 1942, incluía um “J” [*Juif*] em preto no centro. A recusa de distribuir a insígnia pelas autoridades civis de Bruxelas e Liège favoreceu a fuga de alguns judeus. Em Antuérpia, as autoridades alemãs tentaram forçar o uso da estrela, mas a política foi descartada quando os cidadãos não judeus protestaram e usaram eles próprios as braçadeiras. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/6/65/Jodenster_van_kledij.jpg/1024px-Jodenster_van_kledij.jpg>. Acesso em: 2 ago. 2018.



“Arianização” dos negócios judaicos: Aviso em três idiomas (alemão, holandês e francês) usado para “marcar” as lojas de judeus na Bélgica ocupada a partir de 23 de outubro de 1940. National Museum of the Resistance, Anderlecht.

Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c4/Poster_denoting_Jewish-owned_business_from_occupied_Belgium.jpg>. Acesso em: 3 ago. 2018.



Cartaz com os detalhes das leis antijudaicas impostas pelas autoridades militares alemãs na Bélgica. Bruxelas, 28 de outubro de 1940. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Holocausto_na_B%C3%A9lgica#/media/File:Proclamation_about_Jews_in_German-occupied_Belgium.jpg>. Acesso em: 4 ago. 2018.

A minha professora de piano gostava muito de mim, mas não simpatizava com os judeus, pois era pró-alemães, era belga. Inclusive, seus dois filhos foram para a Rússia combater ao lado dos alemães. Mesmo assim, ela me disse: “Olha, vem à minha casa, vou continuar a te dar aulas aqui!”. Assim fiz durante bastante tempo até que um dia ela me alertou: “Olha, está muito perigoso, daqui a pouco vão te pegar e vai ser pior. Infelizmente você vai ter que interromper as aulas”. E foi assim que parei de estudar de piano. Mais uma vez meu sonho foi interrompido.

Depois de um tempo, a prefeitura mandou entregar uma carta na nossa casa informando que os homens judeus que quisessem trabalhar como voluntários para os alemães na França,

durante uns três meses, poderiam ir.^A Os alemães prometeram aos familiares que não iriam mexer em ninguém, nem nas crianças, e que o trabalho seria pago. Nunca pagaram. Da nossa comunidade, onde muitas famílias eram judias, os homens foram se apresentar, entre os quais estavam o meu pai e o amigo dele Abraham Kutas. Este conseguiu pular do trem em movimento, mas meu pai não quis, conforme

A-“Recrutamento para o trabalho nas fábricas” (*Arbeitseinsatz*) foi o argumento usado pelos nazistas, a partir de agosto de 1942, para reunir os judeus e deportá-los para os campos de extermínio. Cerca de metade dos judeus ofereceram-se voluntariamente, entre os quais Idel Icek (pai de Sarah Lewin), embora coagidos pelas autoridades alemãs. Esses ajuntamentos já haviam começado no final de julho, mas, nos últimos tempos da guerra, os alemães utilizaram a polícia para deter ou reunir os judeus à força.



Retrato de Idel Icek (1901-1943), pai de Sarah [Surka] Lewin, assassinado em Auschwitz, em 1943. Acervo: Yad Vashem, Israel; State Archives, Bruxelas.

soubemos alguns anos depois. Nunca mais soubemos do meu pai que, nessa época, tinha apenas 40 anos!^A

Soubemos depois que os alemães pegavam os judeus e levavam para um campo de concentração.^A Guardo comigo vários documentos obtidos depois da guerra comprovando que meu pai foi deportado do campo de concentração de Malines em 31 de outubro de 1942, no comboio n° 16,

MINISTÈRE DE LA SANTÉ PUBLIQUE
ET DE LA FAMILLE.

Administration des Dommages aux Personnes.
Direction : Recherches, Documentation et Décès.
Réf. 126/YA/ YA

Bruxelles, le 11.6.56.
155, rue de la Loi.

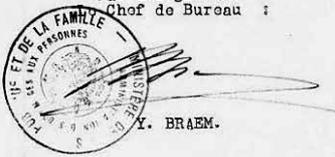
A T T E S T A T I O N .

Délicivré au TRIBUNAL ALLEMAND DE REPARATION.
Pour l'obtention d'une indemnité de réparation.

D'après les documents suivants : - Liste du convoi de Malines
- Fiche originale allemande
- ~~Liste microfilmée du convoi de Bernay (document ségrégé)~~.

Il résulte que :
Monsieur I C E K , Idel
né à Wierussow le 22.3.01
domicilié successivement à SERAING, rue des Pierres, 94/2

- a été déporté du camp de rassemblement de Malines - ~~Brunoy~~
le 31.10.42 par le convoi 16 sous le numéro 446
- n'a pas été rapatrié à ce jour
- ~~a été rapatrié le~~

LE MINISTRE
Par délégation
Chef de Bureau :

Y. BRAEM.

ANNEXE : photocopie de la fiche allemande.

A-Idel Icek nunca chegou a trabalhar nessas fábricas prometidas pela prefeitura belga, que era conivente com as ações genocidas da Alemanha nazista. Deve ter ido direto para o campo de Auschwitz, como aconteceu com todos os judeus “convocados para o trabalho”. A porcentagem de judeus deportados variou com o local, sendo mais alta em Antuérpia, com 67% de deportados, mas menor em Bruxelas (37%), Liège (35%) e Charleroi (42%). O principal destino dos comboios era Auschwitz, na Polônia ocupada pelos alemães. Números menores verificaram-se em Buchenwald e Ravensbrück, e também em Vittel, na França. Foram deportados da Bélgica 25.437 judeus, dos quais apenas 1.207 sobreviveram. Entre os deportados e mortos em 1944, encontrava-se o artista surrealista Felix Nussbaum. Ver: MICHMAN, Dan (Ed.). *Belgium and the Holocaust: Jews, Belgians, Germans*. 2. ed. Jerusalem: Yad Vashem, 1998; STEINBERG, Maxime. *La question juive: 1940-1942*. Brussels: Vie Ouvrière, 1983; *L'étoile et le fusil*. Brussels: Vie Ouvrière, 1984; *1942, les cent jours de la déportation des juifs de Belgique*. Brussels: Vie Ouvrière, 1984; *L'étoile et le fusil*. Brussels: Vie Ouvrière, 1986.

Atestado emitido por Y. Braem, do Ministério da Saúde Pública e de Família, de acordo com o Tribunal Alemão de Reparação, confirmando que Idel Icek, pai de Sarah [Surka], foi deportado do campo de concentração de Malines no comboio n° 16. Bruxelas, 11 de junho de 1956.

Acervo: S. Lewin/SP; Arqshoah/Leer-USP.

sob o nº 446. Morreu em 1943, no campo de concentração de Buchenwald.

A-O primeiro comboio que saiu da Bélgica com judeus apátridas deixou Idel Icek na passagem de Mechelen para Auschwitz em 4 de agosto de 1942, seguido de outros. Entre outubro de 1942 e janeiro de 1943, as deportações foram suspensas temporariamente, mas, até essa data, cerca de 16.600 pessoas já tinham sido deportadas em 17 comboios. Após a intervenção da rainha Isabel junto às autoridades alemãs, todos os deportados nessa primeira fase não eram cidadãos belgas. Em 1943, a deportações foram retomadas. Ver: YAHIL, Leni. *The Holocaust: the fate of European Jewry, 1932-1945*. Oxford: Oxford University Press, 1991. p. 393 (Studies in Jewish History Reprint).

MINISTÈRE
DE LA
RECONSTRUCTION Form. 4

Dammages aux personnes
services des Présomptions de décès
et Rectifications

Annexe A. M. no 129

R/PN/JD/9361.

Attendu que la mort de **Ioak Idel,**
paraît certaine et que, par suite des circonstances dues à la guerre, il n'a pas été possible
d'établir régulièrement un acte de décès:

Attendu que le prénommé est de nationalité **polonaise ;**

Vu l'arrêté du Régent en date du 14-2-1946, et spécialement ses articles 1, 2, 4 et 9,
prorogé par la loi du 20 mai 1948.

Vu l'arrêté du Régent du 1^{er} avril 1946 concernant les attributions du Ministre de la
Reconstruction:

A ces causes, le Ministre de la Reconstruction déclare que

**Ioak Idel, né à Wieruszow (Pologne) le vingt deux mars mil neuf
cent un, fils de Ioak Hereslik et de Diamant Sara, Jenta, ouvrier
de fonderie, demeurant à Seraing, rue des Pierres, 34, époux de
Bergman Bajla, Jachet,**

est présumé décédé ~~de~~ dans la région de Buchenwald (Allemagne) en
février mil neuf cent quarante cinq.

Dit pour droit que cette déclaration entraînera les effets prévus aux articles 120 et 140
du Code Civil:

Qu'il y a lieu à ouverture de la tutelle des enfants mineurs selon les modalités prévues
au livre I, titre X du Code Civil:

Dit que pour autant que la preuve du décès du prénommé est exigée pour l'obtention
d'une pension, la présente déclaration donne droit à l'ouverture de la dite pension.

Pour copie conforme
Le Commissaire de l'État

Fait à Bruxelles, le **24 août 1946**
Le Ministre



R. DE LAC.

Declaração emitida pelo Ministério da Reconstrução confirmando a morte de Idel Icek, nascido em Wieruszów (Polônia) e casado com Bajla Bergman. Idel morreu na região de Buchenwald (Alemanha).

Bruxelas, 24 de agosto de 1946. Acervo: S. Lewin/SP; Arqshoah/Leer-USP.

A violência nazista contra os judeus

A partir desse momento, eu e minha mãe deveríamos cuidar de nós mesmas. Ficamos sozinhas em casa, sem notícias do meu pai. Um dia, soubemos que uma fábrica que havia perto de casa estava contratando pessoal para trabalhar com munição. Pensamos que, trabalhando, estaríamos tranquilas. Eu não tinha medo de nada! Foi quando falei para a minha mãe: “Vamos logo, mãe, assim a gente vai trabalhar lá e ficaremos melhor!”. Minha mãe achou que eu estava louca, indo trabalhar para eles [os alemães]. É como se eu estivesse me entregando para a morte. Expliquei-lhe que essa era uma forma de estarmos seguras por um tempo, pois, trabalhando para eles, não mexeriam conosco. Depois de muito relutar, ela permitiu que fossem feitas as inscrições na fábrica que nos aceitou para aquele trabalho. Deram-nos uma carta dizendo assim: “Tal dia vocês podem começar a trabalhar aqui”.

Na noite seguinte, quando estávamos dormindo, dois oficiais alemães armados com carabina bateram à porta da nossa casa. Abrimos a porta, e minha mãe estava “meio dormindo”. Eles foram logo dizendo: “Arrumem as malas, pois vocês têm que ir com a gente!”. Morávamos naquele sobrado que dava para o quintal dos vizinhos que haviam acordado com o barulho. Minha mãe abriu a janela, colocou um pouco de dinheiro em uma bolsa e jogou para eles. Um dos oficiais, percebendo, foi logo perguntando: “O que você jogou lá?”. Minha mãe rapidamente respondeu: “Quando meu marido foi embora, eles [os vizinhos] nos emprestaram algum dinheiro e eu não quero sair daqui devendo. Então, joguei o dinheiro para eles!”. Nesse momento, o oficial levantou o fuzil até a cabeça da minha mãe, mas o outro disse: “Deixa! Vamos levá-las!”. A lembrança que tenho desses nazistas é que eram pessoas altas, que andavam com fuzis por todos os lados e tinham cara de alemães.

Esses oficiais fecharam a casa e nos levaram para um quartel da cidade. Chegando lá, o lugar estava lotado com os judeus da região. Havia muita gente: lá estavam as minhas amigas de escola, os pais delas, todos da nossa comunidade! Lotado! Não sabíamos o que ia acontecer. Passamos a noite nesse quartel, amontoados um em cima do outro, alguns em pé, outros agachados, pois não tínhamos onde ficar. No dia seguinte, um desses oficiais alemães começou a chamar pelo nome, dizendo:

— As pessoas que têm uma carta para trabalhar na fábrica fiquem deste lado, e aqueles que não têm, do outro lado!

Poucos tinham essa carta. Então falei para a minha mãe:

— Vamos ficar desse lado...!

Fomos para o lado daqueles que tinham a carta para trabalhar na fábrica, e, em seguida, eles disseram: “Tudo bem! Vocês podem ir para casa e aguardem nossas ordens para começar a trabalhar”. Todos que ficaram naquele quartel nunca mais voltaram. Minhas amigas e os pais delas foram todos para o campo de concentração. Ninguém voltou! Assim, essa foi a primeira vez que escapamos. Quando chegamos em casa, percebemos que a porta estava trancada por fora. Voltei ao quartel para pegar a chave e entrar em casa novamente. Dias depois, fomos trabalhar na fábrica e, chegando lá, nos dispensaram dizendo que não precisavam mais, que estava tudo lotado. Voltamos logo para a nossa casa sem saber o que ia ser da gente.

Pouco tempo depois de o meu pai ter partido em 1941, os alemães começaram a buscar novas vítimas. Um dia, estávamos na parte de cima do sobrado, quando minha mãe resolveu descer para comprar alguma coisa. De repente ela voltou correndo e disse: “Olha, vamos embora daqui, pois eles estão pegando os judeus de novo. Já fizeram uma *razzia* [batida policial] e vão fazer outra”. Pegamos uma malinha com algumas roupas e descemos em direção à rua, deixando a casa para trás. Começamos a andar e, de repente, quando já estávamos na esquina, vimos que um carro com alguns oficiais entrando na nossa casa. Entraram, sem sucesso! Quer dizer, escapamos de novo.^A Nessa mesma época, um casal de amigos católicos do meu tio materno (que tinha a

A-A partir de setembro de 1940, as unidades armadas do *Devisenschutzkommando* – DSK (Comando de Proteção de Transferências Estrangeiras) assaltaram casas para se apoderarem de valores e bens pessoais dos judeus, considerando que seus moradores estavam sendo levados para os campos de trânsito. No mesmo mês, os judeus com cidadania belga foram deportados pela primeira vez. As unidades do DSK valiam-se de informações de pessoas que recebiam entre 100 e 200 francos belgas por cada pessoa que delatassem como judeus. Depois da guerra, o colaborador Felix Lauterborn disse em julgamento que 80% das detenções realizadas em Antuérpia tiveram origem em informações “premiadas”. No total, seis mil judeus foram deportados em 1943, e outros 2.700 em 1944. Os transportes acabaram por causa da situação de deterioração em que a Bélgica ocupada se encontrava antes da libertação. Sobre esse tema, ver: MICHMAN (1998) e STEINBERG (1983, 1984).

loja de roupas) se ofereceu para cuidar de suas mercadorias para que ele e a esposa pudessem fugir para a Suíça. E assim fizeram, retornando somente após a guerra.

De pianista a ativista da existência belga^A

Não podíamos ficar ali paradas, porque os policiais começaram a procurar por nós em todos os lugares. Ficamos andando sem saber para onde ir. Lembro-me de que minha mãe e eu andamos, andamos à noite toda pelas ruas, com fome, sem direção. Foi quando entramos em uma lanchonete: sentamos a uma mesa, tomamos um café, comemos um sanduíche... Cada vez que conto isso, tenho vontade de chorar! Ficou marcado, não dá para esquecer...!

Estávamos lá sentadas, sem saber o que fazer da vida. Onde a gente ia passar a noite...? Nisso, minha mãe falou que tinha um senhor, não muito velho, olhando para a gente. Ficamos com medo. De repente, esse senhor se aproximou e disse: “Estou vendo que vocês estão fugindo. Vocês são judias? Não fiquem com medo, vou ajudar vocês!”. Ele nos levou para a casa dele onde jantamos. Nesse momento, soubemos que esse senhor – de cujo nome não me recordo, mas tenho marcado em algum lugar – estava ajudando muito gente. Salvou-nos também.

Passamos a noite na casa desse senhor que, no dia seguinte, nos levou para um lugar não muito longe de onde morávamos. Lembro-me de que, naquela rua, havia uma casa muito bonita e, na outra rua, uma casinha onde morava um casal belga de idosos. Assim que chegamos, vimos que várias outras

A-Além da França, a Bélgica abrigou o maior movimento de resistência europeu, sendo os judeus os mais combativos, principalmente aqueles nascidos no exterior. Antes da guerra, aproximadamente 90 mil judeus, constituindo 1% da população total, viviam na Bélgica, a maioria estrangeiros, refugiados da Alemanha ou imigrantes da Europa Oriental. Ocupada pelas forças alemãs em 1940, a Bélgica nunca foi “pacificada” totalmente, abrigando importantes movimentos de resistência, incluindo jornais clandestinos antifascistas. Durante a ocupação nazista do território belga pela *Wehrmacht*, os habitantes da Valônia receberam mais de 300 jornais clandestinos, hoje analisados no livro. Ver: ZANATTA, Micheline et al. *La Presse Clandestine de Seraing 1940-1944*. Cuesmes (Mons): Éditions du Ceresier, 2006; GINSBERG, Benjamin. *Judeus contra Hitler. Destruindo o mito da passividade judaica durante o nazismo*. Tradução Mario Molina. S. Paulo: Cultrix, 2014.

peessoas estavam nesse esconderijo onde ficamos escondidas até terminar a guerra. Na casa da frente, era possível ver que havia pessoas morando, mas nunca soube que eram. Podiam ser pró-nazistas ou contra Hitler, quem sabia?

Pouco tempo depois, chegou ao esconderijo um homem com um rosto conhecido. Era Abraham Kutas, aquele amigo de meu pai que o encontrou no trem e depois pulou, conseguindo assim se salvar. Como meu pai era medroso, decidiu ficar. Abraham contou que estava na França quando soube que a mulher e a filha foram levadas pelos nazistas para o quartel, onde também estivemos. Lembro-me de tê-las visto antes de embarcarmos no trem para nunca mais voltarem.

Aquele amigo da resistência (nosso protetor) vinha sempre trazer cartões de racionamento com os quais os nossos protetores [o casal de idosos] conseguiam comprar porções de alimentos para nos sustentar. Lembro-me de que o pão era muito ruim, úmido e duro, não era cozido, podíamos grudá-lo na parede. Devido à guerra, estava tudo racionado.^A

Eu não aguentava mais ficar parada. Um dia falei para ele que, assim como ele estava ajudando muita gente, eu também queria ajudar. “Eu quero trabalhar com vocês na resistência!” “Ah, você quer ajudar? Então, vai ajudar!” Foi quando comecei a trabalhar na resistência belga^B junto com ele. Nas proximidades existiam muitas florestas onde os grupos da resistência ficavam escondidos. Passei a organizar as contas, levava recados para eles. Tudo o que me pediam fazia. Procurava sempre andar escondida pelo caminho até o local para não ser pega pelos alemães. Minha mãe morria de medo, mas eu fazia. Quando um dos rapazes chegava a

A-Os cartões de racionamento eram comuns em tempos de guerra, como ocorreu na Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Mesmo antes do início da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha tinha problemas com a sua produção nacional de alimentos. Em 1942, os estoques de cereais na Alemanha estavam quase acabando, e o rebanho suíno havia diminuído 25% por falta de ração. Para evitar que o povo alemão passasse fome, os nazistas saqueavam os territórios ocupados, além de reduzirem a ração oficial na Noruega e Tchecoslováquia para cerca de 1.600 calorias, na Bélgica para apenas 1.300 calorias e na zona francesa para menos de mil calorias no final de 1945. Para não morrerem de fome, as populações locais recorriam ao mercado negro. Quanto aos judeus, os nazistas pretendiam deixá-los deliberadamente morrer de fome.

B-Parte da população belga, a maioria católica, não colaborou com os nazistas. A resistência antinazista começou a se organizar a partir de agosto/setembro de 1942, quando houve a obrigatoriedade do uso da estrela amarela, a publicação das leis antisemitas e o início das deportações. A primeira organização criada para esconder judeus foi o Comité de Défense des Juifs (CDJ) – ou Joods Verdedigingscomiteit (JVD) – que surgiu no verão de 1942. Calcula-se que o CDJ salvou cerca de quatro mil crianças e dez mil adultos que foram escondidos em locais seguros. Essa organização produzia dois jornais clandestinos em iídiche: o *Unzer Wort* (*A Nossa Palavra*), de inclinação sionista-trabalhista, e o *Unzer Kamf* (*A Nossa Luta*), de ideologia comunista. Outros grupos, além de ajudarem a esconder os judeus, empenhavam-se em conseguir alimentação e documentos falsos. Entre os grupos mais populares, destacavam-se o Front de l'Indépendance (FI) – ou Onafhankelijkheidsfront (OF) – e o Partisans Armés (PA), comunista, com uma grande seção de membros judeus em Bruxelas. Ver: GOTOVICH, José. Resistance movements and the Jewish question. In: MICHMAN, Dan (Ed.). *Belgium and the Holocaust: Jews, Belgians, Germans*. 2. ed. Jerusalem: Yad Vashem, 1998, p. 281-282.

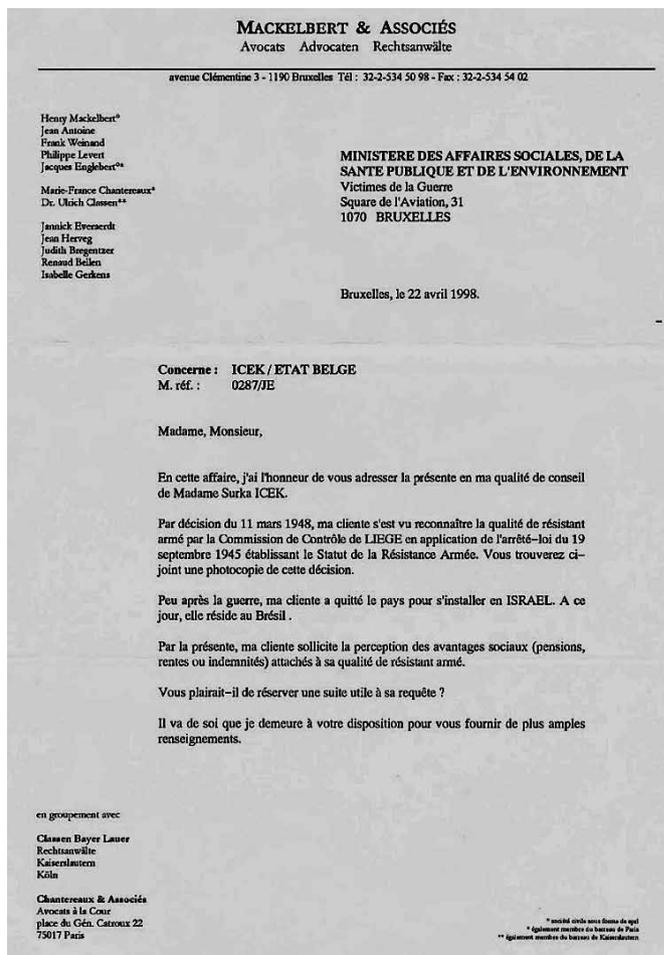
casa para ditar o trabalho que precisa ser feito, ele trazia os recados, os papéis, as orientações, e eu era encarregada de levá-los para os outros “soldados” da resistência que viviam na floresta. Tenho toda a papelada comprovando que fui da resistência. Esse era um grupo de *partisans* belgas, não judeus, que lutavam contra os alemães porque na Bélgica muita gente estava contra a Alemanha. Eles passavam um tempo nas florestas para evitar que fossem presos e aproveitavam também para organizar as coisas. Eu ia até lá, dava os recados, mas pessoalmente não conhecia ninguém pelo nome. Eu andava escondida pelas ruas.

Enquanto eu ajudava na resistência, minha mãe cuidava de ajudar o casal de idosos nas tarefas domésticas, e Abraham atendia ao senhorzinho no que fosse preciso. À noite, o casal de idosos dormia em um quarto separado, no andar de cima. Eu e minha mãe também tínhamos um “quarto” na sala apenas para nós, incluindo o de Abraham. Muitas vezes tive pesadelos, minha mãe precisava me sacudir para que eu acordasse e parasse de gritar. Ela tinha medo que meus gritos fossem ouvidos pelos nazistas, e o nosso esconderijo, descoberto. Do lado de fora, era possível ouvi-los marchando. Lembro-me de que, quase no fim da guerra, ouvíamos bombas, foguetes e explosões! Eram os americanos entrando na Bélgica.

A guerra já estava no fim, e a Alemanha não queria perder. Não sabíamos se conseguiríamos sobreviver ou não. Eu quis ajudar porque aquelas pessoas nos ajudaram. Eu queria retribuir, devolver alguma coisa. Assim, desse jeito, escapamos mais duas vezes dos alemães. Quando terminou a guerra, eu estava com 17 anos, sem o meu pai. Havíamos perdido tudo que tínhamos na nossa casa, inclusive meu piano que os nazistas tiraram pela janela, pois não passava pelas escadas. Tiraram tudo, ficamos sem nada. A casa não era nossa, era alugada, mas as coisas que lá estavam eram. Ficamos sem nada, só com aquela mala que havíamos levado para fugir, com algumas roupas. Meu tio materno, que havia fugido para a Suíça com a esposa, voltou para a Bélgica, e os dois abriram uma nova loja e enriqueceram muito, graças às mercadorias que haviam sido guardadas por aquela família de belgas católicos. Agora, supervalorizadas. Assim encerramos essa etapa ao final da guerra em 1945.

Sobrevivemos!

Vozes do Holocausto

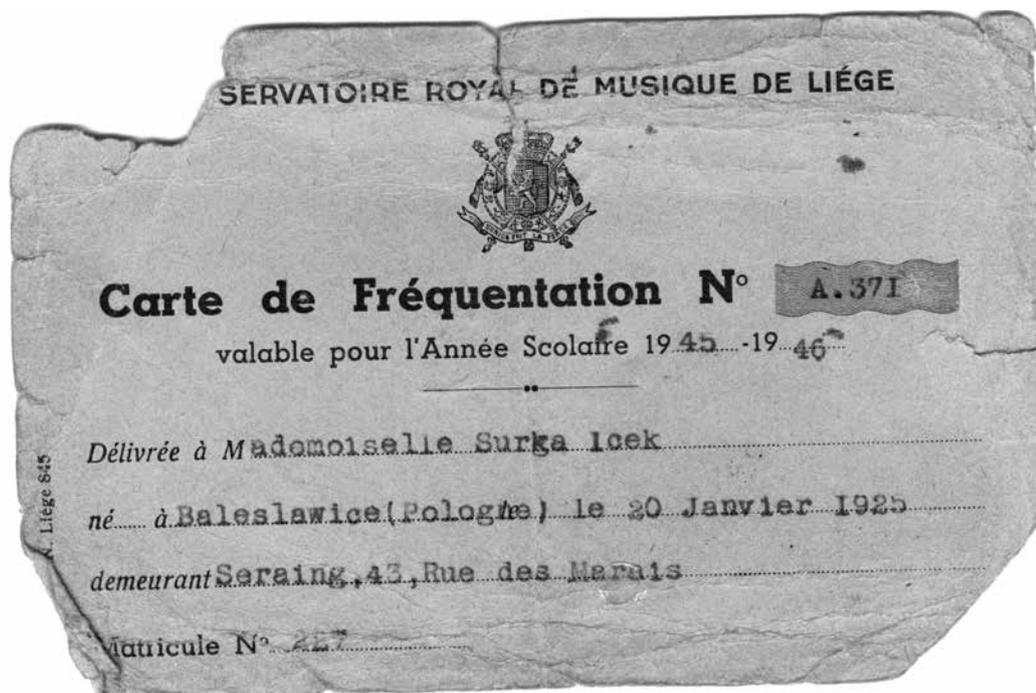


Carta de Jacques Englebert, em nome de Mackelbert & Associés, advogados de Sarah [Surka] Ick, ao Ministério de Assuntos Sociais, Saúde Pública e Meio Ambiente, Vítimas da Guerra. Bruxelas, 22 de abril de 1998. Acervo: S. Lewin/SP. Arqshoah/Leer-USP.

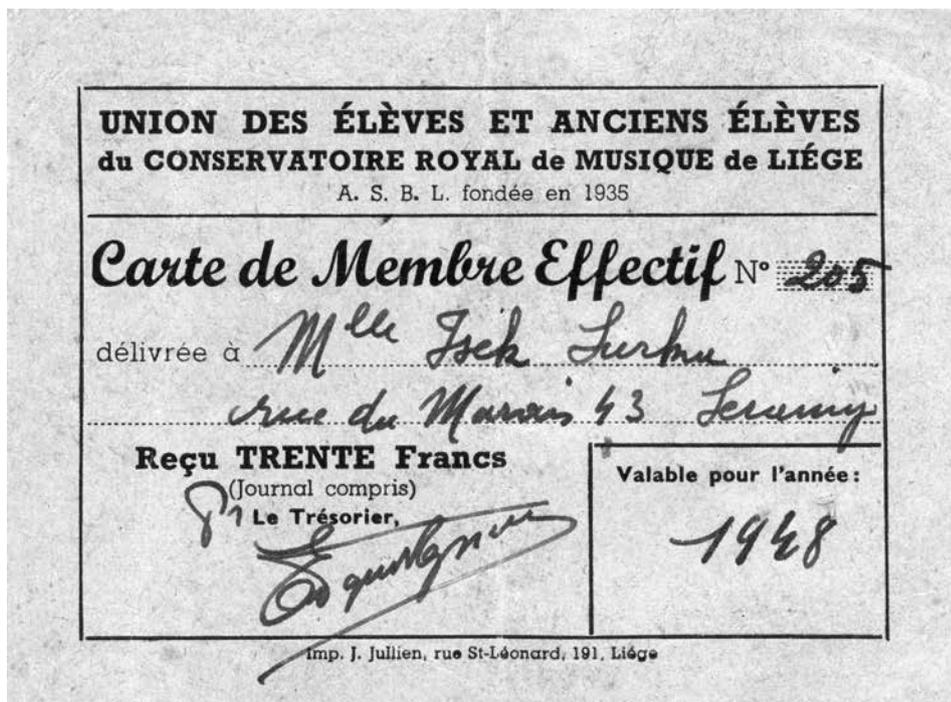
Opções de vida

Assim comecei outra fase da minha vida. Após a guerra, minha mãe e eu estávamos na Bélgica. Nessa época, eu frequentava um grupo da Juventude Judaica como se fosse escoteira. Entre 1945 e 1946, voltei a frequentar o conservatório de Liège onde tinha aulas regulares de piano com a professora Cassiers, aula de harmonia com o professor Franck e de história da música com o professor R. Bernier.

Sarah [Surka] Lewin



Carteira de Sarah [Surka] Icek como de membro efetivo da Union des Élèves et Anciens Élèves du Conservatoire Royal de Musique de Liège, 1948. Acervo: S. Lewin/SP; Arqshoah/Leer-USP.



Carteira de aluna regularmente inscrita no Conservatoire Royal de Musique de Liège em nome da mademoiselle Surka [Sarah] Icek. Liège, 1945-1946. Acervo: S. Lewin/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Foi quando disse para a minha mãe: “Olha, quero ir para Israel. Vamos para Israel? Vamos sair da Europa?”. Eu era um pouco idealista nessa época, sabe? Foi quando fomos para Israel, minha mãe e eu. Minha mãe casou-se de novo na Bélgica com um senhor que havia ficado escondido com a gente. Chamava-se Abraham Kutas, o mesmo que esteve com meu pai naquele trem de transporte para serem levados para um campo de concentração na Alemanha. Ele pulou do trem, se salvou e ficou escondido na casa do casal de idosos belgas. Ele perdeu a esposa e a filha, minha amiga de escola, no campo de concentração. Anos depois, acabou se casando com a minha mãe.

Fomos para Israel onde, mais uma vez, não sabíamos falar o idioma local. No fim acabei encontrando meu marido: Symcha [Simon] Lewin, natural de Łódź (Polônia), que havia perdido os pais, Chiel e Sara, no Holocausto. O irmão dele, Raoul, conseguiu escapar fugindo para o Canadá. Casei-me com Symcha em 1949 e fui morar em um bairro afastado de Tel Aviv, por ser mais barato. A rua era ainda de areia, as casinhas muito simples. Por saber falar bem hebraico, Simon trabalhava em um banco de Tel Aviv.

Em 11 de abril de 1952, nasceu o nosso primeiro filho, Daniel. Aos poucos, a vida em Israel foi melhorando, ganhando forma: conseguimos nos mudar para outro bairro, mais próximo da cidade grande: Givat-Rambam, Rua Negba nº 8. Foi quando consegui reencontrar meu velho amigo “piano” que tanta falta fazia. Tratamos de comprar um piano e voltei a praticar e a dar aulas. Aos poucos fui aprendendo o hebraico, e Daniel entrou para uma escolinha em frente ao nosso prédio. Morávamos no térreo. Em 11 de agosto de 1955, nasceu Gabriel que ficava aos cuidados de Bajla, minha mãe, enquanto eu dava aulas de piano. Quando ele via a avó, abria os braços para abraçá-la e ir para o colo dela.

Nossa vida não foi nada fácil durante os nove anos que passamos em Israel. Em certo momento, Simon resolveu atender ao convite do irmão Raoul que tinha um supermercado em Toronto, no Canadá. Como não era possível ir direto de Israel, pois governo israelense não dava passaporte, embarcamos em um navio até Marselha, na França. Daniel tinha 4 anos, e Gabriel, 1 ano e meio. O calor de Israel desapareceu assim que chegamos à França. Precisei comprar casacos para os meninos que tremiam de frio. Ficamos por lá alguns dias, até que conseguimos pegar um navio para o Brasil e, de lá, iríamos para o Canadá.

O Brasil como destino

Assim, viemos de Israel para França e de lá para o Brasil, viajando no vapor Bretagne. Uma viagem difícil, pois o navio balançava muito, principalmente quando atravessamos o estreito de Gibraltar. A maioria da tripulação passou mal. Em 12 de dezembro de 1956, finalmente desembarcamos no porto de Santos. Minha pele clara fazia contraste com o clima tropical, e os nossos casacos de inverno duplicavam o calor. Mais uma vez, não conhecíamos ninguém, nem falávamos o idioma. Eu conhecia apenas o Rio de Janeiro pelo cinema, por causa dos filmes de Carmen Miranda. Mas eu sequer sabia que existia S. Paulo; fiquei sabendo durante a viagem quando alguém sugeriu que viéssemos para cá onde encontraríamos melhores condições e trabalho. Assim viemos!



Navio Bretagne que trouxe Sarah e Simon Lewin para o Brasil em 1956.
Cartão-postal, s.d. Acervo: S. Lewin/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Do porto de Santos pegamos um trem que subiu a Serra do Mar até S. Paulo. Às 23 horas, e chegamos à Estação da Luz. Estávamos exaustos, com muitas malas e sem saber falar português! Da Estação da Luz fomos para o bairro do Bom Retiro onde residiam muitos

Vozes do Holocausto

416/118

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

MODELO S.C. 139

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no pôrto de destino

Nome por extenso **Sarah Lewin.**
Admitido em território nacional em caráter **PERMANENTE** (temporário ou permanente)

Nos termos do art. 9º letra --- do dec. n. 7967, de 1945
Lugar e data de nascimento **Boleslawice, Pol, 20-1-1926.**
Nacionalidade **israelense.** Estado civil **casada.**
Filiação (nome do Pai e da Mãe) **Iddel e Baila Icek.**
Profissão **doméstica.**
Residência no país de origem **Givat-Rambam, rua Negba, 8.**

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

NOME	IDADE	SEXO
Daniel	11-4-1952	M.
Gabriel	1-8-1955.	M.

Passaporte n. **87918,** expedido pelas autoridades de **Min. Int. do Estado de Israel,** na data **22-III-1956.** visado sob n. **620.**

ASSINATURA DO PORTADOR:
Sarah Lewin

SELO CONSUL: **Legação do Brasil em Tel-Aviv.** 25 de **outubro** de 19 **56.** O CONSUL: *[Signature]*

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

416/118

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

MODELO S.C. 139

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no pôrto de destino

Nome por extenso **Symcha Lewin.**
Admitido em território nacional em caráter **PERMANENTE** (temporário ou permanente)

Nos termos do art. 9º letra --- do dec. n. 7967, de 1945
Lugar e data de nascimento **Lodz, Polônia, 14-3-1918.**
Nacionalidade **israelense.** Estado civil **casado.**
Filiação (nome do Pai e da Mãe) **Shiel e Sara Lewin.**
Profissão **chofer.**
Residência no país de origem **Givat-Rambam, rua Negba, 8.**

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. **87915,** expedido pelas autoridades de **Min. Int. do Estado de Israel,** na data **22-III-1956.** visado sob n. **619.**

ASSINATURA DO PORTADOR:
Symcha Lewin

SELO CONSUL: **Legação do Brasil em Tel-Aviv.** 25 de **outubro** de 19 **56.** O CONSUL: *[Signature]*

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

Fichas consulares de qualificação de Sarah e Symcha Lewin, com visto em caráter permanente emitido pelo consulado-geral do Brasil. Tel Aviv, 25 de outubro de 1956. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

judeus do Leste Europeu. Falaram-nos de uma rua chamada José Paulino onde os judeus se reuniam e conversavam em iídiche. Pegamos um táxi. Meu marido, que falava um pouco de espanhol e italiano, virou-se melhor do que eu. Explicou ao motorista que queríamos ir para o Bom Retiro, imaginando que era longe dali. Lembro-me de que era dezembro, fazia um calor infernal. Os meninos com sapatos, cansados! O taxista foi tão honesto que disse: “Vocês chegarão em cinco minutos!”.

Paramos em uma pracinha onde estavam alguns judeus. Como falávamos um pouco de iídiche, perguntamos: “Chegamos agora... onde que pode passar a noite aqui?”. “Na Rua dos Italianos, tem uma pensão que aluga quartos”, respondeu um deles que nos levou até lá. Chegamos, alugamos o quarto e fomos logo nos deitar! Deitamos, mas ninguém podia dormir de tantas pulgas nas camas. Dani que era um menino muito claro, loiro, pegou uma alergia de pulgas e, no dia seguinte, ficou com ferida no corpo. No dia seguinte, saímos de lá e fomos alugar outro quarto, em outro sobrado. Mas neste não dava para cozinhar, só havia tanque para lavar roupa do lado de fora, e à noite faltava água. Foi quando peguei um reumatismo que me dava dores terríveis nos calcanhares. Eu mal podia ficar em pé! Com os filhos pequenos, sem saber o que fazer da vida, sem poder quase andar...! Imaginem! Indicaram-me um médico judeu e lá fui chorando. Ele me receitou umas injeções para reumatismo, tomei duas caixas e passou.

Próximo da pensão havia um restaurante – cujos proprietários eram judeus e de Israel – onde fazíamos as nossas refeições. De lá alugamos outro quarto num cortiço, na mesma Rua dos Italianos, com cozinha e banheiro do lado de fora. Como não tínhamos nem fogão para cozinhar, uma senhora emprestou um fogareiro, tipo “fogão portátil”. Sei que foi triste. Para piorar, Daniel, o meu menino mais velho, entrou no banheiro e, ao sair, prendeu o dedo na porta. Ouvimos gritos! Simon precisou tirar a porta para que ele conseguisse sair do banheiro. Logo depois, Gabi teve uma infecção de garganta e precisou ser operado em um hospital, no centro. Com a minha mãe longe, ainda em Israel, tudo ficava bem mais difícil. Não sabíamos o que fazer da vida.

Como não gostávamos de morar em cortiço, resolvemos alugar um apartamento pequeno na Rua José Paulino, usando as poucas economias que tínhamos. Esse apartamento tinha um quarto extra que alugamos para um senhor. Ficamos sabendo que ali no bairro havia

uma escolinha para os judeus recém-chegados ao Brasil, sem custo, gratuita. Dani foi estudar nessa escola, pois já tinha 4 anos; Gabi ficou comigo, pois era muito pequeno, com apenas 1 ano e meio.

Foi quando a senhora Rosa, proprietária do restaurante, sugeriu-me para trabalhar com vendas: “Entra nesta loja de confecção que eles dão roupas em consignação para você vender. Assim, aos poucos, melhora ...!”. Ela sabia como era ser uma família de imigrantes em um país totalmente desconhecido e ajudava como podia. Sabia também das dificuldades enfrentadas pelos judeus durante e após a guerra. Como o nosso dinheiro ia embora rapidamente e a gente não sabia o que fazer da vida, entrei nessa loja onde me ofereci para ser vendedora. Mesmo falando poucas palavras em português, consegui o emprego. Eu deveria ir de bairro em bairro, bater às portas, tocar nas portas para revender à prestação. Inicialmente, eles me levaram no Planalto Paulista, perto da Avenida Rubens Berta, onde há a Rua Aratás. Explicaram-me como fazer! Resolvi tentar e assim comecei desse jeito. Vendendo roupa, ganhando uma comissão e um pouco de conhecimento.

Um dia, sugeri a Simon que alugássemos uma casa no Planalto Paulista e, com um pouco de dinheiro, comprássemos algumas roupas para revender por conta própria. Assim fizemos. Como meus filhos ainda eram pequenos, coloquei o Daniel em uma escola e o Gabi ficava com o pai, enquanto eu saía pra vender as roupas. Na Bélgica, a gente acreditava nas palavras das pessoas, não precisando de nada por escrito, mas aqui no Brasil era um pouco diferente. O cliente dizia que ia “tal dia”, não pagava. Levei alguns “calotes”, como se diz aqui. Novos problemas!

Com a ajuda da senhora Rosa, coloquei um anúncio num jornal oferecendo aulas de piano, só que em francês. Uma moça respondeu aceitando receber aulas em francês. Dona Helena, a minha primeira aluna, morava na Praça Oswaldo Cruz, trabalhava no Tribunal de Justiça. Ela e o marido eram proprietários de uma livraria na Praça da Sé e viajavam muito para Paris com o objetivo de comprar livros. Os dois falavam muito bem francês. Uma vez por semana, eu ia até a residência dela para dar aulas em francês. Ela aprendia duas coisas comigo: piano e francês; ela começou a me ensinar o português. O casal me ajudou muito.

Sem conseguir ficar sem piano, aluguei um na Casa Amadeus, na Praça da Sé, próxima à Rua Direita. O número de alunos foi aumentando, principalmente crianças que vinham

aprender música. Nessa época, meu primo Henry Bergman havia se formado em farmácia e agora vivia em Bruxelas. Foi quando o pai dele (meu tio materno) disse que iria mandar uma passagem para minha mãe ir ao seu casamento na Bélgica e, ao mesmo tempo, tentar receber uma indenização da fábrica onde meu pai havia trabalhado. E assim foi: ela permaneceu seis meses na Bélgica, recebeu o dinheiro e, ao retornar, disse que era para dar entrada em um lugar para morarmos. Por coincidência, souberam que havia uma ruazinha particular, perto da Rua Miruna, com 17 sobrados à venda. Compramos um desses e mudamos para lá. Foi difícil pagar, muito difícil!

Tudo ia bem até o momento em que apareceu um fiscal do Sindicato dos Músicos dizendo que eu somente podia dar aulas de piano se fosse registrada na Ordem dos Músicos. Possivelmente fui denunciada por outra professora que morava na Rua Miruna. Recebi uma multa e, em 1966, após passar no exame, entrei como membro da Ordem dos Músicos. Hoje sou a filiada mais antiga!

Com a rotina pesada das aulas, eu mal dava conta de cuidar das crianças. Um ano depois, minha mãe veio para cá com meu padrasto. Ela não aguentou ficar longe e sempre me ajudou muito. Minha mãe foi tudo para mim. Assim as crianças passaram a ficar sob a supervisão da avó Bajla. Como havia muitos terrenos baldios próximos à casa, eles deixavam os deveres de lado e iam jogar futebol. Mas a farra acabou quando Simon os colocou para trabalhar. Dani trabalhava como *office boy* em um banco durante o dia e estudava à noite. Quando chegou a vez de Gabi, sugeri que ele fosse fazer um curso de computação.

Simon, meu marido, como falava vários idiomas (português, espanhol, um pouco de italiano) começou a vender a *Enciclopédia Barsa* e, depois, foi trabalhar na administração da editora. Começamos a melhorar um pouco a vida, mas não era fácil. Fiquei conhecida no bairro e arrumei muitos alunos, dava aula às 8 horas e terminava às 18 horas. Minha mãe me ajudou muito: cozinhava, cuidava dos meus meninos, fazia quase tudo. Eu não tinha tempo, isso foi a minha vida. Piorou ainda mais quando Simon adoeceu com problemas de “papilomas” na bexiga, uma carne esponjosa que crescia; operou três vezes, fez tratamento, mas acabou falecendo de câncer com 60 anos. Eu estava com 52 anos.

Daniel, meu filho mais velho, casou-se com 22 anos, terminou os estudos e teve três filhos, um atrás do outro. Gabriel se casou mais tarde, após passar seis meses na casa do



Família Lewin: Sarah e Bajla (sentadas); Simon, Gabriel e Daniel (a partir da esquerda). S. Paulo, s.d. Acervo: S. Lewin/SP; Arqshoah/Leer-USP.

meu cunhado em Toronto, no Canadá. Estudou inglês e depois voltou para S. Paulo onde continuou trabalhando. Eu me acostumei a ser muito independente, sempre morei sozinha e agora estou aqui. Mais ou menos isso...!

A mensagem de Sarah

Após narrar sobre a minha trajetória, a minha vida em tantos lugares, posso dizer uma coisa: não dá para esquecer as coisas que a gente passou na Polônia, na Bélgica e na França. Não dá, porque ficou muito marcado. Quando falo disso, tenho vontade de chorar! Coisas que perdi: minha infância, minha adolescência, meus sonhos! Eu pensava em ser concertista,

Sarah [Surka] Lewin

não pude ser...! O que me ajuda muito, nesta altura da vida, é o piano. Sento aqui duas horas por dia, fico tocando, tocando! A música me faz bem. Só quero ver meus filhos e meus netos, minha família, também contentes. Não tenho mais ambição de nada, pois acho que consegui realizar muito, pensando na vida que levamos durante o Holocausto e a guerra na Europa, e em como estamos agora. Foi muito difícil, muito...!

Sempre falo que acredito no destino, podem escrever, pois repito sempre:

Acredito no destino, pois vejam quantas vezes nós conseguimos escapar!!! Todas as minhas amigas e seus pais, o meu pai, nunca mais voltaram. Por que minha mãe e eu conseguimos escapar? Porque eu acredito no destino, este era o nosso destino!

Tributo a Sarah Lewin



Esther Neistein, pesquisadora do projeto *Vozes do Holocausto*, entrega flores a Sarah Lewin após o seu concerto. S. Paulo, 3 de dezembro de 2017. Foto: Douglas Mansur, 2017.

Em 9 de agosto de 2017, a equipe de História Oral do projeto *Vozes do Holocausto* entrevistou Sarah Lewin na residência dela, em S. Paulo. Presentes: Rachel Mizrahi, Esther Neistein e Gabrielle Jezernicky [câmera]. Foram horas de gravação e muita emoção. Sarah Lewin, aos 91 anos, surpreendeu todos ao narrar sua participação como “jovem rebelde” na resistência belga e ao interpretar Chopin ao piano. No mês seguinte, as jornalistas Blima Lorber e Lunara Moreira noticiaram essa entrevista no *Boletim Arqshoah*. Mesmo assim, pairava no ar a sensação de um vazio: a comunidade judaica e a sociedade brasileira deviam aplausos a Sarah Lewin.^A

A oportunidade surgiu em 3 de dezembro de 2017, por ocasião do lançamento da *Coleção Vozes do Holocausto* (volumes 1 e 2) na sede do Clube A Hebraica de S. Paulo. Reunidos no auditório muitos sobreviventes do Holocausto e refugiados do nazismo, representantes da Federação Israelita do Estado de S. Paulo (Fisesp), B'nai B'rith, Confederação Israelita do Brasil (Conib) e do Clube A Hebraica renderem um tributo à pianista formada no Conservatoire Royal de Musique de Liège. Ao rabino David Weitman, presidente do Memorial da Imigração Judaica e do Holocausto de S. Paulo, coube um discurso reafirmando a importância dos testemunhos para não esquecermos o que foi o Holocausto. Sob aplausos de um público emocionado, Sarah Lewin subiu ao palco onde interpretou Chopin, marcando assim seu lugar como concertista. O sonho interrompido pelos nazistas foi simbolicamente reabilitado. As imagens gravadas pelos fotógrafos Douglas Mansur e André Magini expressam os momentos desse encontro inesquecível.

A-Em 15 de setembro de 2015, um documentário foi produzido pelo Sindicato dos Músicos de S. Paulo (Sindmussp) em homenagem a Sarah Lewin, sua mais antiga filiada. Gravado em junho de 2015, esse reconhecimento foi oferecido pelo presidente Gerson Tajés e pela diretoria do Sindmussp. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sNlrjercwaw>>. Acesso em: 6 out. 2018.

Sarah [Surka] Lewin



O concerto de Sarah Lewin no Clube A Hebraica. S. Paulo, 3 de dezembro de 2017.
Foto: Douglas Mansur, 2017.



Público presente na apresentação de Sarah Lewin, no Clube A Hebraica, S. Paulo, 3 de dezembro de 2017. Foto: Douglas Mansur, 2017.



Mãos de Sarah interpretam Chopin.
Clube A Hebraica, S. Paulo, 3 de dezembro de 2017.
Foto: André Magini, 2017.



Abraham Goldstein, presidente da B'nai B'rith, e Maria Luiza Tucci Carneiro, coordenadora do projeto *Vozes do Holocausto*, Arqshoah/Leer-USP. Clube A Hebraica, S. Paulo, 3 de dezembro de 2017.
Foto: Douglas Mansur, 2017.



Rabino David Weitman, presidente do Memorial da Imigração Judaica e do Holocausto. Clube A Hebraica, S. Paulo, 3 de dezembro de 2017.
Foto: André Magini, 2017.